

# UMA ABORDAGEM ADVENTISTA À BÍBLIA COMO LITERATURA: JOÃO 13:21-30 COMO EXEMPLO METODOLÓGICO

Fabício Ferreira<sup>1</sup>  
Carlos Olivares<sup>2</sup>

## Resumo

O presente artigo busca contribuir para a valorização dos estudos literários da Bíblia no contexto adventista, área ainda pouco explorada dentro da tradição teológica da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Apesar da reconhecida importância da Bíblia como obra literária, a abordagem literária tem sido recebida com reservas entre os adventistas, influenciados por percepções históricas negativas sobre a literatura de ficção e por interpretações restritivas dos escritos de Ellen G. White. Este trabalho defende que os recursos literários, quando utilizados com critérios adequados, podem enriquecer a compreensão bíblica sem comprometer a visão teológica adventista. Para tanto, revisa as origens dos estudos literários da Bíblia, analisa a relação do adventismo com a literatura e propõe uma aplicação prática do método narrativo ao texto de João 13:21-30. O objetivo é demonstrar que uma leitura literária da Bíblia, alinhada com a cosmovisão adventista, pode ampliar as possibilidades de interpretação bíblica e fortalecer os estudos teológicos.

**Palavras-chave:** Bíblia como literatura; evangelho de João: adventismo; análise narrativa; Ellen G. White.

Editores científicos: **Flavio Prestes Neto e Eduardo Rueda Neto**

Organização: Comitê Científico

*Double Blind Review* pelo SEER/OJS

Recebido: 06/06/2025

Aprovado: 04/08/2025

**Como citar:** FERREIRA, F.; OLIVARES, C. Uma abordagem adventista à Bíblia como literatura: João 13:21-30 como exemplo metodológico. **Kerygma**, Engenheiro Coelho, v. 20, n. 1, p. 1-17, e1988, 2025. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v20.n1.pe1988>

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Pastor distrital na Associação Rio Sul da Igreja Adventista do Sétimo Dia. E-mail: [fabricao.mello@adventistas.org](mailto:fabricao.mello@adventistas.org)

<sup>2</sup> PhD em Teologia pela Universidade de Auckland, Nova Zelândia. Professor de Novo Testamento no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: [carlos.olivares@outlook.com.br](mailto:carlos.olivares@outlook.com.br)



## AN ADVENTIST APPROACH TO THE BIBLE AS LITERATURE: JOHN 13:21-30 AS A METHODOLOGICAL EXAMPLE

### Abstract

This article aims to contribute to the appreciation of literary studies of the Bible within the Seventh-day Adventist theological tradition, an area that remains underexplored in this context. Although the Bible is acknowledged as a literary masterpiece, the literary approach has often been met with caution among Adventists, influenced by historical mistrust of fiction and restrictive interpretations of Ellen G. White's writings. This study argues that literary tools, when properly applied, can enrich biblical understanding without compromising the Adventist theological framework. The article reviews the origins of biblical literary studies, examines the Adventist relationship with literature, and proposes a practical application of the narrative method to John 13:21-30. The aim is to demonstrate that a literary reading of the Bible, consistent with the Adventist worldview, can broaden interpretative possibilities and strengthen theological studies.

**Keywords:** Biblia como literatura; evangelio de Juan; adventismo; análisis narrativo; Elena G. de White.

## UN ENFOQUE ADVENTISTA DE LA BIBLIA COMO LITERATURA: JUAN 13:21-30 COMO EJEMPLO METODOLÓGICO

### Resumen

El presente artículo busca contribuir a la valorización de los estudios literarios de la Biblia en el contexto adventista, un campo aún poco explorado dentro de la tradición teológica de la Iglesia Adventista del Séptimo Día. Aunque se reconoce la importancia de la Biblia como obra literaria, el enfoque literario ha sido recibido con reservas entre los adventistas, influenciados por percepciones históricas negativas sobre la literatura de ficción y por interpretaciones restrictivas de los escritos de Elena G. de White. Este trabajo sostiene que los recursos literarios, cuando son utilizados con criterios adecuados, pueden enriquecer la comprensión bíblica sin comprometer la visión teológica adventista. Para ello, se revisan los orígenes de los estudios literarios de la Biblia, se analiza la relación del adventismo con la literatura y se propone una aplicación práctica del método narrativo al texto de Juan 13:21-30. El objetivo es demostrar que una lectura literaria de la Biblia, alineada con la cosmovisión adventista, puede ampliar las posibilidades interpretativas y fortalecer los estudios teológicos.

**Palabras clave:** Bible as literature; Gospel of John; Adventism; narrative analysis; Ellen G. White.



## INTRODUÇÃO

O *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia* afirma que “a Escritura não é somente um livro de história, mas também uma obra de arte literária” (Davidson, 2011, p. 85). No entanto, os estudos literários da Bíblia entre os adventistas têm sido tímidos. A cautela quanto aos estudos literários da Bíblia pode ser explicada, em parte, pelo que foi apontado por Scoot E. Moncrieff (1996, p. 9-12): historicamente os adventistas veem a literatura, especialmente a prosa de ficção, de um ponto de vista negativo. Segundo ele, isso acontece pela falta de conhecimento acerca da natureza e valor de boas ficções e por conta dos comentários de Ellen G. White, que para muitos professores adventistas de literatura são mal interpretados (Gendke, 2023, p. 4-10).

Embora a preocupação seja justificável por um lado, por outro vale lembrar que outras áreas do conhecimento que operam com pressuposições contrárias à visão bíblica têm agregado conhecimento aos estudos bíblico-teológicos. Considerando os desafios envolvidos nesta seara, torna-se necessário destacar que a literatura e suas ferramentas também podem ser úteis para o estudante da Bíblia, se bem utilizadas. Diversos autores adventistas têm explorado essa questão, contribuindo para o desenvolvimento dessa metodologia analítica (Shepherd, 1993; Davidson, 2006).

Dois exemplos disso são o artigo de Laurence Turner (2009), intitulado “The Costly Lack of Literary Imagination in Seventh-day Adventist Bible Interpretation” [O custo da falta de imaginação literária na interpretação bíblica adventista do sétimo dia], publicado na obra organizada por Bruinsma e Schantz, *Exploring the Frontiers of Faith*, e, no contexto sul-americano, o livro *Teopética*, de Lucas Iglesias (2018).

Sem ignorar o fato de que existem variadas leituras literárias, conforme explicam Olivares e Daza (2021), o objetivo aqui é propor uma aproximação à análise literária da Bíblia que reflita a visão adventista acerca das Escrituras. Isso é feito sem desconsiderar que “não é possível nem desejável estabelecer uma diferença abissal entre o que é teológico e o que é literário na Bíblia, pois os âmbitos se confundem, interação de forma densa e complexa” (Magalhães, 2008, p. 3).

Com vistas ao propósito de fortalecer uma aproximação à abordagem literária da Bíblia com um olhar adventista, será importante revisar as origens e pressupostos dos estudos literários da Bíblia. Além disso, é fundamental compreender a relação do adventismo com a literatura em geral e seu impacto sobre os estudos literários



da Bíblia. Para demonstrar que “abordar a Bíblia de um ponto de vista literário não é algo em si mesmo ilegítimo” (Frye, 2021, p. 16), o método narrativo, um subgrupo dos estudos literários, será aplicado ao texto do evangelho de João 13:21-30.

### **A BÍBLIA COMO LITERATURA: UMA VISÃO PANORÂMICA**

É importante iniciar esta análise pela definição dos termos, isto é, o que se pretende dizer com a ideia de ler a Bíblia como literatura. Levando em consideração a amplitude dos termos e a complexidade inerente às suas respectivas constituições, não é possível nem desejável ser prolixo neste tópico. O renomado crítico literário Northrop Frye (2021) explica sua deferência da terminologia “Bíblia como literatura”, utilizando no lugar “Bíblia e literatura”. Essa escolha demonstra o intrincado enredamento entre essas duas instâncias.

Sobre literatura, é útil a definição de Bingemer (2015, p. 14).

Para os nossos propósitos, será preferível começar por defini-la de um modo tão abrangente e neutro quanto possível, simplesmente, como uma arte verbal; isto é, a literatura pertence, tradicionalmente, ao domínio das artes, em contraste com as ciências ou o conhecimento prático. Seu meio de expressão é a palavra, em contraste com os sinais visuais da pintura e da escultura ou os sons musicais.

A expressão através da palavra é um ponto de contato fundamental entre teologia e literatura, uma vez que “o cristianismo é uma religião do livro” (Magalhães, 2009, p. 9). No que diz respeito a este livro, a Bíblia Sagrada, os adventistas do sétimo dia defendem que:

Na qualidade de registro da revelação especial, as Escrituras se tornaram fator essencial no processo da revelação divina. Embora uma equiparação entre revelação especial e Escrituras não faça justiça a complexidade do processo revelatório, as Escrituras realmente desempenham papel decisivo nesse processo. De acordo com os autores bíblicos, as Escrituras vieram até nós como a Palavra de Deus (Dederen, 2011, p. 35-36).

Como Palavra inspirada de Deus, o próprio texto bíblico evidencia sua natureza literária em passagens como a de Eclesiastes 12:10: “O Pregador procurou achar as palavras agradáveis e escrever com retidão palavras de verdade.” A maioria dos



leitores reconhece aspectos literários presentes nas Escrituras; ainda assim, “a Bíblia não tem recebido, salvo poucas exceções, o tratamento ‘literário’ a que tem direito” (Leonel; Zabatiero, 2011, p. 19). Reconhecer tal dimensão não é mero exercício estético, mas um passo necessário para compreender como história, lei e poesia, presentes nos textos bíblicos, possuem força retórica e persuasiva suficiente para o engajamento filosófico. Ignorar esses gêneros e formas, na tentativa de mapear a filosofia da Escritura Cristã, significa, essencialmente, ficar cego para sua gramática filosófica (Johnson, 2022, p. 198).

Em círculos religiosos de orientação teológica tradicional, como é o caso dos adventistas do sétimo dia, o estudo literário da Bíblia tende a ser visto com certa desconfiança. Não é sem motivo que isso acontece, pois há entre os especialistas a tendência de “considerar a Bíblia como consideraríamos qualquer outro livro: um produto da mente humana” (Gabel; Wheeler, 2003, p. 17). Essa preocupação, contudo, não deve ser empecilho ao ingresso neste campo de estudos, pois é perfeitamente possível analisar a Bíblia literariamente, sem se comprometer com todos os pressupostos das abordagens histórico-críticas.

É essencial ter em conta que a expressão “crítica literária pode significar coisas diferentes para pessoas diferentes” (Bloomberg; Hubbard; Klein, 2017, p. 145). No presente artigo a concepção de ler a Bíblia como literatura está relacionada ao entendimento de que “podemos identificar um texto literário pela sua tendência de encarnar ideias em forma de imagens poéticas, relatos de personagens em ação e situações das quais o leitor pode participar de forma imaginativa” (Ryken, 2023, p. 14). A Bíblia possui todos os elementos de um texto literário, motivo pelo qual exerceu grande influência sobre a literatura ocidental.

As origens da análise literária da Bíblia podem remontar a Abraham Ibn Ezra (1089-1160) e, mais recentemente a Robert Lowth, no século 18, que introduziu o conceito de paralelismo amplamente utilizado nos estudos da poesia bíblica (Casanowicz, 1901, p. 521). “Mas desde a década de 1970, certos especialistas da Bíblia foram cada vez mais cativados pelas diferentes abordagens e hipóteses da teoria literária” (Thiselton, 2022, p. 38). Esse interesse pelos estudos literários da Bíblia foi em grande medida motivado pela percepção que as abordagens tradicionais (método histórico-crítico) não comportavam uma visão abarcante do texto, embora tenham seu lugar na história da interpretação bíblica.



Estudiosos como Seymour Chatman (1978) e Wayne Booth (1961) realizaram estudos em narratologia que, cerca de uma década depois, foram aplicados à Bíblia Hebraica por Robert Alter (2007) em seu clássico *A Arte da Narrativa Bíblica*, publicado originalmente em 1981. Depois desse importante trabalho, vários autores publicaram obras de abordagem literária da Bíblia, dedicando-se tanto a explicar o método quanto a aplicá-lo. Esse é o caso de David Rhoads e Donald Michie (1982), além de Mark Allan Powell (1990), que aplicaram o método narrativo aos evangelhos. Desde então as fronteiras que definiam os limites entre esses dois campos, teologia e literatura, tem diminuído cada vez mais.

É importante reconhecer, como destaca Santos (2022), que ao analisar a Bíblia unicamente pelo viés da literatura, ganha-se a apreciação pela estética, que é uma dimensão válida da interpretação frequentemente ignorada, porém perde-se a comunhão: troca-se a igreja pela academia.

A noção de uma abordagem adventista à análise literária da Bíblia, seguindo a recomendação paulina de reter o que é bom (cf. 1Ts 5:21), procura unir o que há de proveitoso nos estudos bíblico-literários sem renunciar à sacralidade do texto e seu propósito querigmático — isto é, a Bíblia não foi destinada simplesmente para o escrutínio da erudição, mas para revelar Deus e o evangelho eterno da salvação.

Nesse sentido, a ideia de uma abordagem adventista à análise literária da Bíblia não envolve necessariamente a proposição de uma nova metodologia a ser aplicada, mas consiste na submissão do método literário às pressuposições adventistas acerca da Bíblia. Isso quer dizer que há que se sublinhar a diferença entre “qualquer outro livro” e “um livro qualquer”. A Bíblia não é um livro qualquer, mas pode ser analisada com auxílio das mesmas ferramentas usadas em qualquer outro livro.

Como explica Hasel (2025, p. 394):

Os adventistas do sétimo dia levam a sério as dimensões literária, retórica e narrativa do texto bíblico em sua forma canônica final. Enfocar o texto bíblico dessa forma é bastante positivo. Esses aspectos são dignos de atenção e podem ser investigados com proveito na medida em que nos ajudam a compreender as Escrituras, e desde que os abordemos com as pressuposições adequadas e nos submetamos às reivindicações do texto bíblico no que diz respeito à verdade.



Essas “pressuposições adequadas” ajudam o estudante da Bíblia a evitar a armadilha de criar um abismo entre o que é histórico e o que é retórico no texto bíblico, posição assumida entre muitos estudiosos e que não se alinha com a hermenêutica adventista do sétimo dia. Por não se tratar necessariamente de um rebaixamento do *status* sagrado da Bíblia como Palavra inspirada de Deus, por ser uma crescente área de interesse acadêmico e por fazer jus à própria natureza literária da Bíblia, torna-se justificável a inserção da análise literária da Bíblia no conjunto de ferramentas hermenêuticas reconhecidas como úteis pelos adventistas do sétimo dia, como é o caso do método histórico-gramatical. Esse passo, no entanto, só pode ser dado após uma consideração séria a respeito da posição de Ellen G. White sobre a literatura, em especial a prosa de ficção.

## ELLEN G. WHITE E A LITERATURA

Ao analisarmos as orientações de Ellen G. White sobre literatura devemos evitar reducionismos que se apoiam em uma ou duas citações isoladas. Essa inclinação representa um obstáculo ao tratar do posicionamento de Ellen G. White acerca de qualquer tema, o que pode levar a conclusões que não refletem corretamente sua visão.

O pensamento de White sobre literatura não é tão estruturado e bem definido como pode parecer a princípio. Se por um lado temos textos que enfatizam o perigo da ficção e que parecem conclusivos quanto à proibição, também é possível notar a valorização do preparo literário na formação intelectual e espiritual.

Afirmações como: “Os leitores de ficção estão entregando -se a um mal que destrói a espiritualidade, ocultando a beleza da Página Sagrada” (White, 2004, p. 13) e “Mesmo a ficção que não contém nenhuma sugestão de impureza, e que visa ensinar excelentes princípios, é nociva. Anima o hábito da leitura apressada e superficial, unicamente pela história” (White, 2013, p. 323) parecem encerrar a questão. Diante disso, muitos adventistas optaram por evitar qualquer literatura ficcional ou de romance.

Será que essa postura é realmente saudável? Ou haveria uma forma mais equilibrada de compreender as declarações de Ellen G. White sobre o assunto? Uma das dificuldades envolvidas está na definição de alguns termos utilizados no debate, como, por exemplo, a palavra “ficção”. “Do ponto de vista literário, ficção refere-



se à escrita imaginada ou inventada. No entanto, os estudiosos da literatura enfatizam o componente de verdade na ficção, pois, em geral, espera-se que relatos ficcionais de alguma forma espelhem a realidade” (Fortin e Moon, 2018, p. 1041). Para o público em geral, porém, a ideia de ficção está relacionada a algo que não tem relação com a vida real.

Para George R. Knight (2010, p. 148), “parece bem claro que Ellen G. White não usava a palavra ‘ficção’ com o mesmo sentido que a maioria de seus leitores lhe confere hoje. Podemos admitir isso ou tomar a posição alternativa de que ela claramente se contradisse”. Isso fica evidente quando observamos White (2007, p. 219) em *O Grande Conflito*, recomendando o que poderia ser considerado literatura ficcional quando disse que “*O Peregrino e Graça Abundante ao Principal dos Pecadores*, escritos por Bunyan, têm guiado muitos à senda da vida”.

Outro ponto a ser notado é indicado por Charles Tidwell (1994) ao comentar que algumas das visões e sonhos de Ellen G. White foram escritos em formato ficcional, como o famoso sonho onde ela vê a difícil jornada do povo de Deus rumo à Nova Jerusalém, conforme o segundo volume de *Testemunhos para a Igreja*.

Uma leitura abrangente dos escritos de Ellen G. White esclarece que a orientação da autora concernente à literatura “trata-se de uma valiosa discussão sobre a escrita criativa nos Estados Unidos durante a segunda metade do século XIX que nos ajuda a compreender o contexto no qual Ellen G. White expressou suas reservas quanto à literatura fictícia” (Torres, 2013, p. 158).

Nesse período, os Estados Unidos experimentaram uma explosão nas publicações de obras literárias de baixíssimo ou nenhum valor moral, contos eróticos e histórias de faroeste que exaltavam práticas genocidas contra os nativos indígenas. “Os efeitos dessas publicações eram muito semelhantes àqueles que hoje são vistos como resultado da exibição de novelas no horário ‘nobre’ da televisão brasileira” (Torres, 2013, p. 159).

Esse fenômeno se deu por conta de outro marco social daquele período, o surgimento de escolas públicas, como explica Clouten (2014, p. 11):

Até a década de 1840, a educação nos Estados Unidos ocorria principalmente em escolas particulares. A rápida expansão das escolas públicas gratuitas, iniciada nessa época, criou uma nova classe de jovens alfabetizados e ávidos por leitura. Essa fome logo foi saciada com uma nova categoria de leitura: romances sentimentais e





baratos. Ambos surgiram nos anos 1850 e monopolizaram o mercado de ficção até o final do século.

Boa parte desse tipo de literatura era destinado ao público infante -juvenil. “Ellen G. White se preocupava tanto com a leitura das crianças que, entre 1877 e 1878, organizou uma coletânea para elas, intitulada *Sabbath Readings For The Home Circle*” (Torres, 2013, p. 159), contendo vários relatos que os literatos modernos classificariam como literatura ficcional. Nas universidades adventistas o assunto também era matéria de discussão. Sutherland (2017) comenta a tendência de substituir autores seculares pelo estudo do hebraico e dos “clássicos sagrados”. Essa nomenclatura evidencia a percepção de elementos literários no texto sagrado.

As declarações de Ellen G. White sobre os cuidados no consumo de literatura transitaram em algumas áreas ao longo de seu ministério. Como explica Clouten (2014, p. 14), até meados do século XIX a educação norte-americana era predominantemente oferecida por instituições privadas. Com a ampliação das escolas públicas gratuitas, iniciada na década de 1840, formou-se um contingente crescente de jovens alfabetizados e interessados em leitura. Esse novo público encontrou nos romances sentimentais e de baixo custo, surgidos por volta da década de 1850, e que se tornaram a principal fonte de entretenimento literário, obras que dominaram o mercado de ficção até o final daquele século.

É possível concluir, após um estudo contextual e considerando um quadro mais amplo das declarações da autora sobre literatura que “apenas uma leitura fragmentada e descontextualizada dos escritos de Ellen White pode levar a conclusão de que ela rejeita todo e qualquer tipo de ficção” (Meira, 2019, p. 149). Em 1971, a sede mundial da defendeu que “o que Ellen G. White rejeitava como ficção era a literatura sentimental, sensacionalista, erótica, profana, vulgar, violenta e escapista, que vicia e compromete a devoção pessoal, consumindo tempo excessivo, sem incutir valores” (Torres, 2013, p. 161), e não todo e qualquer tipo de literatura.

## ANÁLISE NARRATIVA DE JOÃO 13:21-30

### *O método*

A análise narrativa é considerada por Strauss (2014) como o método de estudo que mais impactou as pesquisas dos evangelhos nas últimas décadas. Powell (1990)



explica que o surgimento da análise narrativa da Bíblia se dá pelo reconhecimento das limitações de uma abordagem estritamente histórica. Em termos práticos, “a análise narrativa consiste em verificar a maneira como o narrador construiu a narração, tanto em sua estrutura interna quanto em seus ingredientes e modos de organizá-los” (Vitório, 2016, p. 33).

É possível mencionar inicialmente pelo menos dois aspectos positivos na análise narrativa, a saber: (1) o desinteresse pela história da composição e transmissão do texto bíblico. A análise narrativa se caracteriza por uma leitura sincrônica do texto; (2) A consideração pela dimensão estética do material bíblico, isto é, o reconhecimento de que a mensagem reside não apenas no conteúdo, mas também na forma. Nesse sentido, “o emprego da abordagem crítico-narrativa em uma passagem da Escritura pode ter um grande valor” (Bloomberg, Hubbard e Klein, 2017, p. 148):

Jesus usou, um dia, uma boa imagem: a do escriba que, como um dono de casa, “tira de seu tesouro coisas novas e antigas” (Mt. 13,52). Poderíamos aplicá-la à análise narrativa: esse tipo de leitura explora, com novos instrumentos, uma arte velha como o mundo, a arte de contar histórias.

As histórias bíblicas são muito mais que relatos cosmogônicos funcionando como uma argamassa de coesão social para um povo primitivo. Explica Alter (2007, p. 231) que “Os antigos escritores hebreus, ou pelo menos, aqueles cujo trabalho foi preservado canonicamente no corpus bíblico, eram obviamente motivados por um senso elevado de propósito teológico. Conforme Köstenberger e Patterson (2015, p. 226), “Entender a verdadeira natureza da narrativa é imprescindível para a precisão da interpretação”.

Vitório (2016) explica que a análise das narrativas bíblicas deve seguir os pressupostos que são particulares dessa literatura religiosa, dos quais ele menciona alguns: (1) as narrativas bíblicas têm caráter religioso com objetivo de reforçar a fé; (2) o lugar apropriado de leitura é a liturgia, em comunidade, não sendo destinadas a produzir prazer estilístico individual; (3) as narrações bíblicas estão atreladas às tradições histórico-teológicas de Israel; (4) as narrativas bíblicas mantêm profunda relação com o contexto histórico e as condições em que foram produzidas; (5) o texto não se limita à comunidade que originalmente recebeu, mas funciona como



metarrelato igualmente útil em qualquer época; (6) em geral as narrativas bíblicas são lacônicas, não se preocupando em satisfazer curiosidades do leitor.

A análise narrativa pode expandir o horizonte hermenêutico trazendo mais luz às verdades que as sistematizações teológicas, de alguma maneira, apontavam. Ancorado nessa premissa, a seguir o texto do evangelho de João 13:21-30 será examinado a partir da metodologia da análise narrativa. O texto, na versão Nova Almeida Atualizada, diz:

Depois de dizer isso, Jesus se angustiou em espírito e afirmou: — Em verdade, em verdade lhes digo que um de vocês vai me trair. Então os discípulos olharam uns para os outros, sem saber a quem ele se referia. Ao lado de Jesus estava reclinado um dos seus discípulos, aquele a quem ele amava. Simão Pedro fez um sinal a esse, para que perguntasse a quem Jesus se referia. Então aquele discípulo, reclinando-se sobre o peito de Jesus, perguntou: — Senhor, quem é? Jesus respondeu: — É aquele a quem eu der o pedaço de pão molhado. Então Jesus pegou um pedaço de pão e, tendo-o molhado, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes. E, depois que Judas recebeu o pedaço de pão, imediatamente Satanás entrou nele. Então Jesus disse a Judas: — O que você pretende fazer, faça-o depressa. Nenhum dos que estavam à mesa entendeu por que Jesus tinha dito isso. Pois, como Judas era quem trazia a bolsa do dinheiro, alguns pensaram que Jesus tinha dito a ele: "Compre o que precisamos para a festa" ou, então, que havia solicitado que desse alguma coisa aos pobres. Assim, tendo recebido o pedaço de pão, Judas logo saiu. E era noite.

O início da análise se dá por aquilo que Marguerat e Bourquin (2009) chamam de clausura do texto, a delimitação da perícopes. Eles apontam quatro indicadores de clausura: tempo, lugar, personagens e tema. Esses indicadores serão aplicados às micronarrativas que compõe a macronarrativa.

Muitas propostas têm sido apresentadas quanto à estruturação do evangelho de João. Segundo Costa (2017), do ponto de vista narrativo, o quarto evangelho é organizado em duas grandes partes, acompanhadas de um prólogo e um epílogo. A estrutura comumente aceita seria, então.

- Prólogo: 1:1-18
- Ministério público de Jesus: 1:19—12:50
- Livro da Glória: 13—20
- Epílogo: 21



O quadro narrativo a ser analisado encontra-se no início do segundo bloco. O elemento temporal representado na expressão “depois de dizer isso” (Jo 13:21) marca a abertura de um novo bloco textual, ainda que funcionando como um recorte dentro de uma unidade literária mais abrangente. Esse bloco é encerrado com a saída de Judas do recinto (v. 30), marcando uma mudança espacial e o desaparecimento de um personagem da narrativa. Assim, delimitamos a perícopes como 13:21-30.

### *A perícopes*

O texto inicia com o ponto de vista narrado, conforme enunciado por Alain Rabatel (2016). O leitor é introduzido à interioridade de Jesus, podendo ver/sentir Sua angústia. Através da modulação dessa instância narrativa (ponto de vista), o narrador conduz o leitor na interação com o texto. Em nossa perícopes, por exemplo, ao introduzir o leitor na intimidade de Cristo, ele sugere empatia por Jesus. E apesar de o Jesus joanino ser um personagem extraordinário, o narrador também apresenta Sua humanidade em traços vívidos, demonstrando assim que Jesus não era um ser desprovido de emoções e intocável internamente.

O evangelho de João registra três ocasiões em que a angústia se manifesta em Jesus. Por ocasião da morte de Lázaro é dito que Ele Se angustiou em espírito (Jo 11:33). Ellen G. White (2007, p. 373), comentando o episódio, diz que:

Havia em Suas lágrimas uma dor tão acima da simples mágoa humana, como o céu se acha acima da Terra. [...] Cristo não chorou por Lázaro; pois estava para o chamar do sepulcro. Chorou porque muitos dos que ora pranteavam a Lázaro haviam de em breve tramar a morte Daquele que era a ressurreição e a vida.

Os outros dois momentos de angústia de Jesus (12:27 e 13:21) também tinham relação com a chegada da Sua hora. Em 13:21, Ele anuncia a presença de um traidor na mesa da Ceia. “Não é a primeira vez que o evangelho de João anuncia a traição (cf. 6:64; 70-71; 12:4; 13:2, 11, 18-19), mas agora tinha chegado o momento em que Judas cortaria sua relação com Jesus” (Rodríguez, 2024, p. 436).

A sequência registra no versículo 22 a reação dos discípulos à notícia da traição de um deles. Sem saber qual deles seria o traidor, “eles devem ter olhado uns para os outros num silêncio assustador” (Bruce, 1987, p. 248). Essa atitude de reexame individual seria útil aos cristãos da atualidade.



O discípulo a quem Jesus amava (comumente reconhecido como João, o autor do evangelho e, portanto, autoridade narrativa deste relato) estava à direita de Jesus podendo reclinar-se sobre Seu peito. Possivelmente Judas estava no outro lado, à esquerda de Jesus, uma vez que ele recebeu seu pedaço de pão diretamente das mãos Dele. “Isso colocaria Judas atrás de Jesus, a posição mais honrada do triclinio. Essa era provavelmente a razão pela qual os discípulos não suspeitaram dele” (Rodríguez, 2024, p. 437).

A pedido de Pedro, que outra vez toma a iniciativa (à semelhança de outros episódios nos evangelhos), João pergunta sobre a identidade do traidor. Jesus revela de modo sigiloso. Apenas a João é dado saber, através de um código: a entrega do primeiro pedaço de pão.

O cuidado de Jesus em preservar a identidade do traidor, protegendo-o assim da revolta dos outros discípulos, assume importância destacada, pois na micronarrativa seguinte Pedro é alertado sobre sua traição a Jesus, o que conecta esses dois episódios. A onisciência do narrador, emprestada ao leitor, oferece a este último uma posição privilegiada de conhecimento dos fatos narrativos. Em outras palavras, se Pedro soubesse como Jesus havia protegido e tentado salvar o traidor Judas, talvez pudesse ter alguma esperança ao ser confrontado por Cristo sobre sua própria traição.

O gesto de Jesus ao entregar o pão da Ceia a Judas se reveste de um profundo e solene simbolismo e funciona como um último e pungente apelo. O traidor recebe das mãos de Cristo, o pão que desceu do Céu, o símbolo que apontava para o martírio que ele mesmo promoveria com sua traição.

O versículo 27 descortina o grande conflito entre Cristo e Satanás em sua forma mais dramática. No mesmo instante em que Jesus, simbolicamente, oferece o Seu corpo a Judas, prefigurando o que Ele faria literalmente horas depois, Satanás domina Judas, que a partir de então passa a ser referenciado pelo pronome demonstrativo *ekeinos* (aquele) e não mais pelo nome.

O narrador, novamente se valendo da utilização de um ponto de vista específico, se afasta desse personagem e espera que o leitor faça o mesmo. O último ato desse drama coloca Jesus no controle das ações. Ainda que, em seu coração, o traidor a serviço de Satanás e controlado por ele quisesse levar seu plano a termo, somente após a ordem de Jesus é que ele se retira.



O versículo 30 fecha a perícopes com um comentário sutil do narrador: “E era noite.” Essa não é uma indicação meramente cronológica, mas simbólica e destaca como os cenários podem ser usados como ferramentas narrativas na retórica. Essa pequena frase poderia servir como um triste resumo da experiência de Judas. Depois de ter vivido três anos e meio na presença de Cristo, a luz do mundo, foi abraçado pelas trevas. Ele faz o movimento inverso de Nicodemos, que rompeu as trevas da noite e de sua própria ignorância e medo quanto ao Messias, e teve uma audiência particular com o Sol da Justiça.

## CONCLUSÃO

Nas palavras de Jaldemir Vitório (2016, p. 41), a Bíblia, “embora seja literatura religiosa e teológica, conserva os traços da literatura, enquanto tal, nos moldes do fenômeno literário, na sua pluralidade, ao longo dos séculos”. Isso significa que relegar a dimensão literária da Bíblia a uma posição de menor importância na tarefa hermenêutica não faz jus à própria natureza literária da revelação. Afinal, explica Iglesias (2020, p. 39), “este é o tipo de Bíblia que Deus achou por bem nos dar. Se quisermos ser coerentes com ela, portanto, precisamos lê-la de tal forma que se faça justiça às suas histórias”.

Os adventistas do sétimo dia reconhecem a Bíblia como a inspirada Palavra de Deus, autoridade normativa em toda e qualquer questão de fé e prática. Entretanto, urge reconhecer que o estudo literário da Bíblia não diminui ou rivaliza com seu valor religioso. Ellen G. White (2004, p. 255) entendia que o apelo à imaginação é típico da literatura e exalta as Escrituras dizendo que “a Bíblia apresenta um campo ilimitado à imaginação, tão mais elevado e enobrecedor no caráter do que as criações superficiais do intelecto não santificado”. Ademais, ela também faz comentários bastante positivos a respeito de obras de ficção como *O Peregrino*, de John Bunyan.

A aplicação do método de análise narrativo no texto do evangelho de João 13:21-30 exemplificou a utilidade e valor de uma abordagem literária/narrativa à Bíblia. Além disso, Abigail Doukhan (2017) demonstra o valor do *storytelling* na pregação do evangelho às novas gerações.

O avanço nos estudos literários da Bíblia é positivo e que tem contribuições reais para o ministério da Palavra, devendo ser incluído no corpus de ferramentas úteis para a interpretação bíblica.



## REFERÊNCIAS

- ALTER, R. **A Arte da Narrativa Bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BINGEMER, M. C. **Teologia e Literatura: Afinidades e Segredos Compartilhados**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- BOOTH, W. C. **The Rhetoric of Fiction**. Chicago: University of Chicago Press, 1961.
- BOURQUIN, Y.; MARGUERAT, D. **Para Ler as Narrativas Bíblicas: Iniciação à Análise Narrativa**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- CASANOWICZ, I. M. Parallelism in Hebrew Poetry. In: SINGER, I (Ed.). **The Jewish Encyclopedia**. Volume 9. New York: Funk & Wagnalls, 1901, p. 520-522.
- CHATMAN, S. **Story and Discourse: Narrative Structure in Fiction and Film**. Ithaca: Cornell University Press, 1978.
- CLOUTEN, K. Ellen White and Fiction: A Closer Look. **Journal of Adventist Education**, v. 76, p. 10-14. 2014.
- COSTA, A. D. **Narratividade e Evangelho: O Personagem Jesus em Jo 13—17**. 147f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2017.
- DAVIDSON, M. D. Revelação e Inspiração. In: DEDEREN, R. (Ed.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.
- DAVIDSON, R. M. “Did king David rape Bathsheba? A case study in narrative theology”. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 17, n. 2, p. 81-95, 2006.
- DAZA, J.; OLIVARES, C. Evaluación Exegética del Método Narrativo: Limitaciones y Beneficios. **Kerygma**, Engenheiro Coelho (SP), v. 16, n. 1, p. 43—52, 2021.
- DOUKHAN, A. Como falar com os pós-modernos. In: FOLLIS, R.; NOVAES, A.; DIAS, M. (ed.). **Sociologia e Adventismo: desafios brasileiros para a missão**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2017. p. 239-246.
- FORTIN, D.; MOON, J. **Enciclopédia Ellen G. White**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018.
- FRYE, Northrop. **O Grande Código: A Bíblia e a Literatura**. Campinas: Editora Sétimo Selo, 2021.
- GABEL, J. B.; WHEELER, C. B. **A Bíblia Como Literatura**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- GENDKE, L. R. “Ensinando Escrita de Vida (como alternativa à ficção) nas aulas de literatura”, **Revista de Educación Adventista**, v. 85. n. 4. p. 4-10. 2023.



HASEL, F. M. Tendências Recentes Nos Métodos De Interpretação Bíblica. *In*: HASEL, F.M. **Hermenêutica Bíblica: Como Interpretar as Escrituras e Avaliar Tendências**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2025, p. 379-411.

IGLESIAS, L. A. M. **Teopoética**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2020.

JOHNSON, D. **Filosofia Bíblica: A Origem e os Aspectos Distintivos da Abordagem Filosófica Hebraica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

KLEIN, W. W; BLOOMBERG, C. L; HUBBARD JR, R. L. **Introdução à Interpretação Bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

KNIGHT, G. **Mitos na Educação Adventista: Um Estudo Interpretativo da Educação nos Escritos de Ellen G. White**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2010.

KÖSTENBERGER, A. J.; PATTERSON, R. D. **Convite à Interpretação Bíblica: A Tríade Hermenêutica**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2015.

MAGALHÃES, A. C. M. A Bíblia Como Obra Literária: Hermenêutica Literária dos Textos Bíblicos em Diálogo com a Teologia. *In*: FERRAZ, Salma *et al.* (Orgs). **Deuses em Poéticas: Estudos de Literatura e Teologia**. Belém: UEPA; Campina Grande: EDUEPB, p. 11-24. 2008.

MAGALHÃES, A. **Deus no Espelho das Palavras: Teologia e Literatura em Diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2009.

MEIRA, V. Adventismo e Literatura: A Histórica Tensão Sobre o Valor Educacional dos Contos Infantis. **PLURA, Revista de Estudos de Religião**, v. 10, n. 2, p. 147–164, 2020.

MONCRIEFF, S. E. Adventists and Works: Another Consideration. **Dialogue**, v. 8, n. 3, p. 9-12, 1996.

POWELL, M. A. **What Is Narrative Criticism?** Minneapolis: Fortress Press, 1990.

RABATEL, A. **Homo Narrans: Por uma Abordagem Enunciativa e Interacionista da Narrativa**, Vol. 1: Ponto de Vista e Lógica da Narração: Teoria e Análise. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

RHOADS, D.; MICHIE, D. **Mark as Story: An Introduction to the Narrative of a Gospel**. Philadelphia: Fortress Press, 1982.

RODRÍGUEZ, A. M. (ed.). **Comentário Bíblico Andrews: Mateus a Atos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2024.

RYKEN, L. **Uma Introdução Literária à Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2023.

SANTOS, D. **A Bíblia Como Literatura**. Youtube, 23 de fevereiro de 2022. 55min34s. Disponível em: [https://youtu.be/wPRGp\\_DWKjA?si=6eDxfDnp8d3mJD1B](https://youtu.be/wPRGp_DWKjA?si=6eDxfDnp8d3mJD1B). Acesso em: 03 jun. 2025.





SHEPHERD, T. **Markan Sandwich Stories: Narration, Definition, and Function**. Berrien Springs, MI.: Andrews University Press, 1993.

STRAUSS, M. L. **Mark: Exegetical Commentary on The New Testament**. Grand Rapids, Zondervan, 2014.

SUTHERLAND, E. A. **Estudos em Educação Cristã**. Engenheiro Coelho: Editora dos Pioneiros, 2013.

THISELTON, A. **Hermenêutica: Um Introdução**. Campinas: Aldersgate, 2022.

TIDWELL, C. **Ellen White and Fiction**. Disponível em: <https://www.andrews.edu/~tidwell/407egw>. Acesso em: 03 jun. 2025.

TORRES, M. L. Ellen G. White e a ficção literária. **Kerygma**, Engenheiro Coelho, v. 9, n. 2, p. 153–162, 2013.

TURNER, L. The Costly Lack of Literary Imagination in Seventh-day Adventist Bible Interpretation. In: BRUINSMA, R. SCHANTZ, B. **Exploring the Frontiers of Faith: Festschrift in Honour of Dr. Jan Paulsen**. Luxemburgo: Advent Verlag, 2009.

VITÓRIO, J. **Análise Narrativa da Bíblia: Primeiros Passos de um Método**. São Paulo: Paulinas, 2016.

WHITE, E. G. **A Ciência do Bom Viver**. Centro de Pesquisas EGW, 2013. Disponível em: <http://centrowhite.org.br/downloads/ebooks>. Acessado em: 17/12/2024.

WHITE, E. G. **O Grande Conflito**. Centro de Pesquisas EGW, 2007. Disponível em: <http://centrowhite.org.br/downloads/ebooks>. Acessado em: 22/12/2024.

WHITE, E. G. **Só Para Jovens**. Centro de Pesquisas EGW, 2004. Disponível em: <http://centrowhite.org.br/downloads/ebooks>. Acessado em: 17/12/2024.

ZABATIERO, J. P. T.; LEONEL, J. **Bíblia, Literatura e Linguagem**. São Paulo: Paulus, 2011.